



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

OCUPAÇÃO PROTO-HISTÓRICA NAS MARGENS DO MINHO. SENHORA DO CRATO, CAMINHA.

LOPES, António Baptista e MARTINS, Carla Maria Braz

Ano: 1999 | Número: 109a

Como citar este documento:

LOPES, António Baptista e MARTINS, Carla Maria Braz, Ocupação Proto-Histórica nas margens do Minho. Senhora do Crato, Caminha. *Revista de Guimarães*, Volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia, 1999, p. 453-466.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Ocupação Proto-Histórica nas margens do Minho Senhora do Crasto, Caminha

António Baptista Lopes, Carla Maria Braz Martins

Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, p. 453-466

O Monte da Senhora do Crasto, de encostas abruptas, bem defendido naturalmente, sobre o rio Minho, dando para o vale do Coura, localiza-se entre as freguesias de Vilar de Mouros e Lanhelas, concelho de Caminha, distrito de Viana do Castelo, às coordenadas UTM de P 386 M 171, com uma altitude de 127m¹ (fig. 1).

Tem uma boa visibilidade, com acesso através de uma larga vereda sinuosa.

No cimo do monte há uma pequena plataforma (esporão do Monte de Góios pequeno), em que se encontra uma pequena capela dedicada à Sr.^a do Crasto, de origens medievais, assente num maciço granítico (fig. 2).

Nesta capela, numa das paredes laterais, ao nível dos alicerces, há uma pia artificial de origens castrejas, alongada, tendo sido reutilizada posteriormente, servindo para a lavagem dos pés dos peregrinos, a caminho de Santiago de Compostela pela via litoral, segundo reza a tradição. Também relacionado com este facto, na parede oposta, existe uma pedra com uma saliência, que foi transformada em vieira.

As suas paredes são uma miscelânea de diversas épocas, e como tal já descaracterizadas. A sua reconstrução terá sido efectuada em finais do séc. XVIII, atendendo à presença dos dois jarrões bojudos e do tipo de cruz que a encimam, assim como às dos beirais com pequenos serafins barrocos. De salientar que o tamanho dos

¹ *Carta Militar de Portugal*, Instituto Geográfico do exército, folha nº 14, 1997.

jarrões não se encontra adequado, de uma forma harmoniosa, com o tamanho do edifício.

Poder-se-á referir a existência de um quadro a óleo, comemorativo de uma vitória dos populares de Lanhelas contra invasores galegos, aquando das guerras da Restauração, em que em último plano é assinalado o Monte da Senhora do Crasto com representação da capela. Esta, no quadro, tem um perfil diferente do actual, com janelas laterais e frontaria em ângulo².

Na frontaria existem duas inscrições (fig. 2), uma na padieira, indicando a data da sua reconstrução, e a outra numa posição superior, em letra gótica em relevo, reinserida nessa altura.

A primeira, na padieira, tem as seguintes medidas, na moldura saliente: comprimento 151,5cm e largura 28,5cm. O campo epigráfico é ordenado, com uma cruz na parte superior esquerda, fora do eixo de simetria.

A inscrição é regular e bem horizontalizada, em maiúsculas, com tamanhos de letras compreendidos entre os 5 e 8cm de altura, propondo-se a seguinte leitura:

FEITA NO ANNO DE IIII REFORMADA AN DE 175(?)

A reformação terá sido em 1755 ou em ano posterior, já que neste monte foram sentidos abalos e danos causados pelo terramoto de 1755, referenciados nas Memórias Paroquiais de 1758³.

A segunda inscrição, em letra gótica em relevo, de difícil interpretação, encontra-se invertida, por dificuldades de leitura aquando da sua reposição. Tem de comprimento 73cm e de altura 33cm, sendo o seu campo epigráfico de 68cm de comprimento e 24cm de largura, contido numa cercadura em relevo, dividido em dois listéis separados por nervura. As dimensões das letras são regulares, com uma altura média de 8,5cm e uma largura média de 5,5cm. A separar algumas letras são usados: e o final do texto é assinalado com uma cruz.

² O original encontra-se na Igreja Paroquial de Lanhelas, encontrando-se referenciado em ALVES, Lourenço, Caminha e seu Concelho, Monografia, Caminha, Câmara Municipal de Caminha, 1985.

³ Memórias Paroquiais 1758, A.N.T.T., tomo XIX-doc. nº 55, p. 423-427 e tomo XLI-doc. nº 14/296, p. 1805-1905.

Admitimos que na altura da reposição tenham sido repicadas algumas letras, bem como pela fractura do lado esquerdo da epígrafe, eventualmente uma cruz similar à final.

Admitimos que esta capela poderá ser o aproveitamento de um torreão defensivo de uma muralha alti-medieval, tendo em conta o aparecimento nas suas proximidades de um merlão medieval, com abertura em cana para seteira, não se excluindo a possibilidade de remontar a épocas anteriores, dado que os seus alicerces são descontínuos, de diversas cronologias. Nas proximidades foi encontrada uma moeda de um ceitil de Afonso V.

O adro da capela, rectangular e vasto, regularizado recentemente, tem um cruzeiro contemporâneo, em cimento, que destoia da peanha moldurada em que assenta.

Na parte posterior da capela há um estreito corredor que a separa de uma plataforma inferior (5m de diferença), onde está localizada uma mina de exploração de água, ainda com denúncias de humidade, associada a lendas de curas milagrosas e tesouros.

Esta plataforma, em forma de bacia, está orientada segundo os pontos cardeais (tal como a capela, com altar voltado para nascente). Na parte Noroeste tem um maciço rochoso, cortado artificialmente, formando banquetas que denunciam alicerces de construção defensiva; na parte Sudeste existem vestígios de uma muralha, espessa, com 2m de largura, com pedras alinhadas na parte inferior. Esta prolonga-se para nascente, dirigindo-se para o Monte de Góios Pequeno; neste percurso, atravessa um colo, onde poderá estar localizada uma porta, dado que existe desmoronamento de pedra bem talhada, associada a um caminho antigo. A poente, está alinhada e parece relacionar-se com os fundamentos mais antigos da capela.

Esta estrutura, de planta quadrangular, é similar, nas dimensões, a uma outra que subsistiu até ao ano de 1838, denominada de Torre de Vilar de Mouros. Localizada no sítio onde actualmente está a Escola Primária, nada dela resta senão a

memória de uma torre que deveria ter 11m de comprimento, 8m de largura e 12 a 15m de altura⁴.

O esporão de Senhora do Crasto tem na sua base bons terrenos agrícolas, e é referenciado como castro, não só pela toponímia (crasto), como também pela existência de amuralhamento⁵.

O local escolhido para esta intervenção arqueológica localiza-se nesta última plataforma, já descrita, junto de uma vala de sondagem, que se presume ter sido feita por Abel Viana.

De facto, e já referenciado por Martins Sarmiento, neste Crasto apareceu, em finais do séc. XIX, um conjunto de machados de bronze, e outras peças, entre as quais jóias e armas, aquando do corte de pedra para a construção da ponte de Valença.

Os objectos encontrados foram destruídas através da fundição, e outros dispersos pelas mãos de colecionadores, apenas se salvando um machado, que foi oferecido a Martins Sarmiento por seu amigo Dr. Pestana, encontrando-se actualmente no museu da Sociedade por ele fundada.

Tal destruição dever-se-á ao facto de, anteriormente, no mesmo local, terem sido achadas peças em ouro.

Dada a importância deste castro, justificam-se as intervenções feitas no passado e a nossa⁶, para confirmar os dados já existentes, dentro de um plano para o conhecimento geral da arqueologia deste concelho.

Após desmatação e limpeza do local, foram abertas duas valas de sondagem ortogonais.

⁴ GUERRA, L. Figueiredo, in *Arquivo Vianense*, I, p. 61; ALVES, L., opus cit., p. 333.

⁵ SILVA, A. C. F., *A Cultura Castreja do Noroeste Peninsular*, Paços de Ferreira, C. M. P. F., 1986, nº 11, Vilar de Mouros Crasto, citando: /1/ PINTO, R. S., *Museu de Martins Sarmiento*. «Revista de Guimarães», Guimarães, vol. 38, fasc. 3-4, 1928, p. 192-196; /2/ SARMENTO, Martins, in «*Dispersos*», Coimbra, 1883/84 = 1933, p. 165 e p. 323-324; /3/ VIANA, Abel, *Através do Minho II. A exploração metódica dos nossos castros*. «Gente Minhota», Viana do Castelo, vol. 6, 1926, p. 88-90 e vol. 7, 1926, p. 111-113; /3.1./ Idem, *Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da arqueologia do Alto Minho*. «Arquivo Distrital de Viana do Castelo», Viana do Castelo, vol. 1, 1932, p. 164; /3.2./ Idem, *Notas sobre a cerâmica do Castro de Vilar de Mouros, Caminha (Portugal)*, vol. III, Zaragoza, Congreso Nacional de Arqueología, 1955; /4/ KALB, Ph., *Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal*, Germania, vol. 58, 1980, 25-115, nº 2, abb.1.

⁶ Realizada durante o mês de Julho de 1998.

Uma no sentido NW-SE com 16m de comprimento por 2m de largura. Perpendicular a esta, no sentido SW-NE abriu-se uma segunda com 7m de comprimento por 3m de largura (fig. 3).

As valas abertas permitiram-nos detectar três estruturas de épocas diferentes.

A estrutura I (fig. 4), mais antiga, consta de um edifício de planta circular, implantada na rocha base, que para tal foi afeiçoada, mostrando, na parte interior, biselamento para assentamento dos alicerces. O muro é constituído por dois paramentos, sendo as pedras exteriores de maiores dimensões. Não foi, no entanto, possível determinar a sua porta.

A estratigrafia do seu interior:

- Camada 00: terra castanha, humosa, com raízes de árvores e pedra miúda; estrato resultante de sucessivos aplanamentos, tendo como espólio uma mó em sela, um peso de tear e uma pedra de amolar/triturador, ambos em pedra, da fase III castreja, *imbrex*, *tegula* e cerâmica comum romana, ânfora e vidro romano. É um estrato de entulho.
- Camada 01: constituída por terra saibrenta, esbranquiçada, de mistura com pedra miúda, cobrindo os muros do edifício circular; como espólio, cerâmica castreja da III fase, assim como uma bracelete em bronze de fita galonada, com decoração incisa, da mesma época (fig. 7), *imbrex*, *tegula*, cerâmica comum romana, imitações de *sigillata*, *sigillata* hispânica, núcleos de sílex. É um estrato resultante de remoção de terras da plataforma superior, sobre a estrutura em causa.
- Camada 02: camada de terra escura com pouca pedra, com cerâmica castreja da fase III, materiais romanos, incluindo *sigillatas* hispânicas e fragmentos de ânfora. Apareceu também uma rilheira em pedra, fragmentada, que poderá ser castreja ou romana (fig. 8). É um estrato de enchimento, abandono e regularização da zona exterior da estrutura III.
- Camada 03: terra castanha clara, compacta, de enchimento, com muita pedra, com cerâmica comum romana e um grande *dolium*. É um estrato de destruição, aparentemente do muro.

- Camada 04: camada castanha, estéril.
- Camada 05: camada bem regularizada, estéril.
- Camada 06: roço.

Dadas as características desta estrutura e do espólio a ela associado, estamos perante uma ocupação castreja do morro, da fase III, romanizada.

Sua contemporânea e próxima dela, apareceu uma estrutura circular, est. II (fig. 5), com terra cinzenta e com carvões. Dado o historial deste castro e o aparecimento de uma rilheira no interior da est. I, poderemos levantar a hipótese de um possível forno de fundição.

A estrutura III (fig. 4 e 6) consta de dois muros paralelos, orientados SW-NE, distando um do outro 7m. O muro situado a SE tem de largura 2m e o a NW 1,25m na base.

Aparentemente trata-se da base de uma muralha alti-medieval, embora a estratigrafia da vala executada entre os dois muros seja estéril.

Detectou-se, no entanto, um aplanamento artificial nas quadrículas contíguas ao muro N (A6 e A7).

A implantação desta muralha na zona Sul destruiu parcialmente a estrutura castreja, para o assentamento dos seus alicerces. Nesta zona foi encontrada cerâmica medieval, porventura da época da construção da muralha, já que o aplanamento, sob o qual foi encontrada é o passadiço exterior de serventia dela e cobria a estrutura I (camada 02).

Conclusões

O âmbito cronológico deste castro, pelos dados fornecidos por outros investigadores, e pelos que nós obtivemos, documenta-se desde o Bronze Final até à Idade Medieval.

A posição estratégica que ocupa, de vigilância da entrada do Rio Minho, enquadra-se no esquema de controle de vias e ocupação territorial típico do Noroeste Peninsular.

A acrópole castreja, onde escavámos, sofreu uma forte romanização, notando-se uma assimilação de processos tecnológicos, visível nos materiais cerâmicos exumados e produções de imitação.

Devido à grande utilidade defensiva, este castro foi reforçado com a estrutura III, pelo menos na Alta Idade Média, dado o fragmento cerâmico medieval encontrado nos seus fundamentos e em estrato selado.

Podemos, no entanto, fazer remontar esta defesa existente na acrópole, a uma cronologia anterior, pelos seguintes motivos: uma melhor protecção da via de acesso ao castro (derivação de uma via romana que passa na ponte de Vilar de Mouros) associada à defesa de uma nascente e um núcleo artesanal estratégico, de fundição, importantes para a subsistência deste povoado.

Na mesma região, e em ambiente castrejo, apareceu recentemente uma bonita escultura antropomórfica em granito, que pelo grão é da zona de Afife, salvaguardada pelo Eng^o António de Matos e Campos.

Esta peça terá sido encontrada em Freixieiro de Soutelo, perto do castro do Cadinho (onde existem edificações circulares), não se excluindo a hipótese de ser proveniente do Monte da Cividade, Âncora, dado o desaparecimento neste local de um marco em pedra esculpida e que estaria sobre uma coluna.

Tem três fases escultóricas:

- 1^a- imagem feminina, de características acentuadas, ladeada por volutas (fig. 11); eventualmente poderá faltar o pescoço e cabeça, já que esta zona foi aplanada;
- 2^a- imagem antropomórfica, a ampliar o número de exemplares conhecidos na estatuária masculina (fig. 12);
- 3^a- apresentando-se como marco de divisão de concelho – 8 C; podendo-se interpretar como o 8^o marco de Caminha, dividindo freguesias de concelhos diferentes (consoante o local do achado) (fig. 13).

Fruto de sucessivas reutilizações, a última será do séc. XVIII, assim como as alterações efectuadas na imagem feminina (aplanamentos, reticulados).

Este é o nosso contributo de homenagem a Martins Sarmento, um dos pioneiros no estudo da estação arqueológica de Nossa Senhora do Crasto e infatigável investigador do Vale do Âncora.



casadesarmento

centro de estudos do património

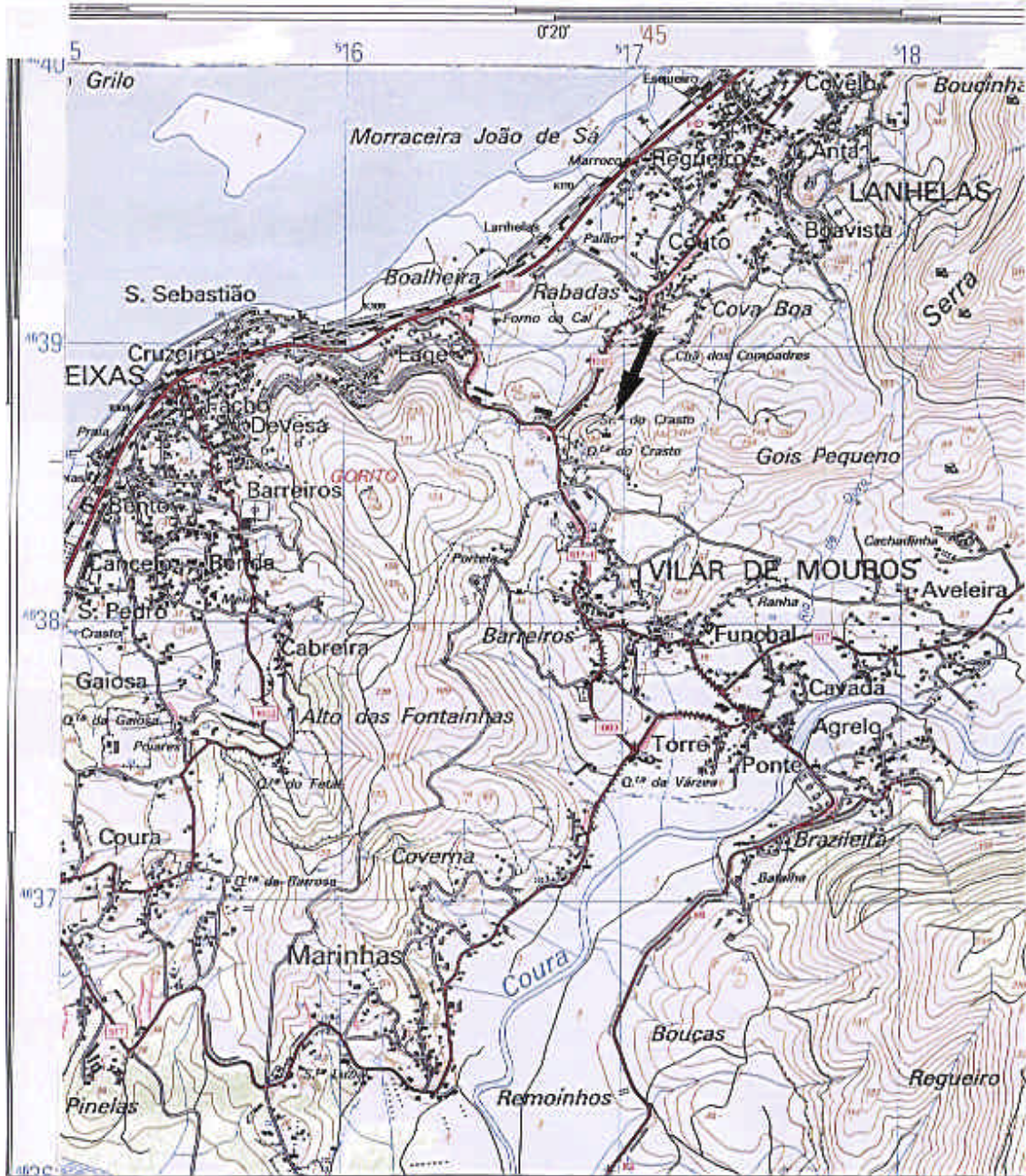


Fig. 1 - Localização do Castro de Nossa Senhora do Crasto



Fig. 2 - Capela de Nossa Senhora do Crasto

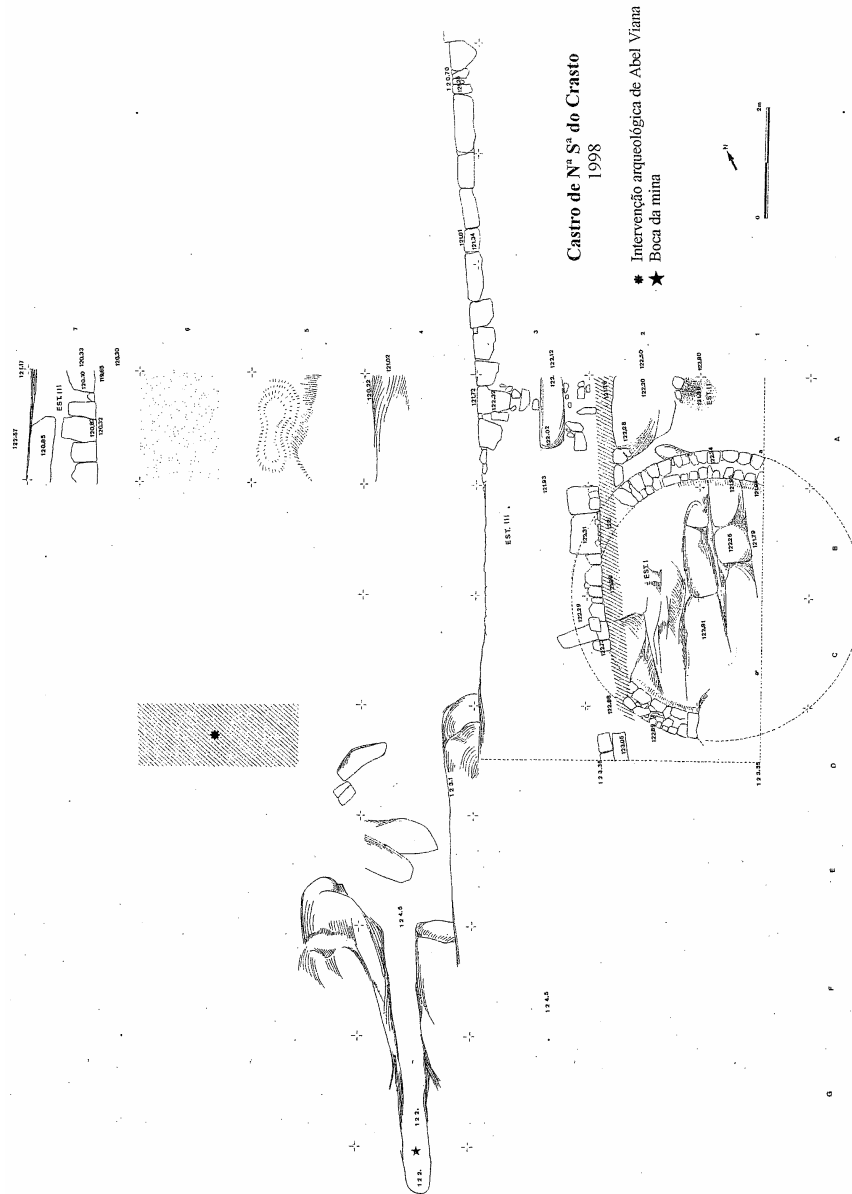


Fig. 3 - Planta da intervenção arqueológica



4



5



6

Fig. 4 - Estrutura I; fig. 5 - Estrutura II; fig. 6 - Estrutura III



7



8

Fig. 7 - Bracelete em bronze; fig. 8 - Rilheira em pedra

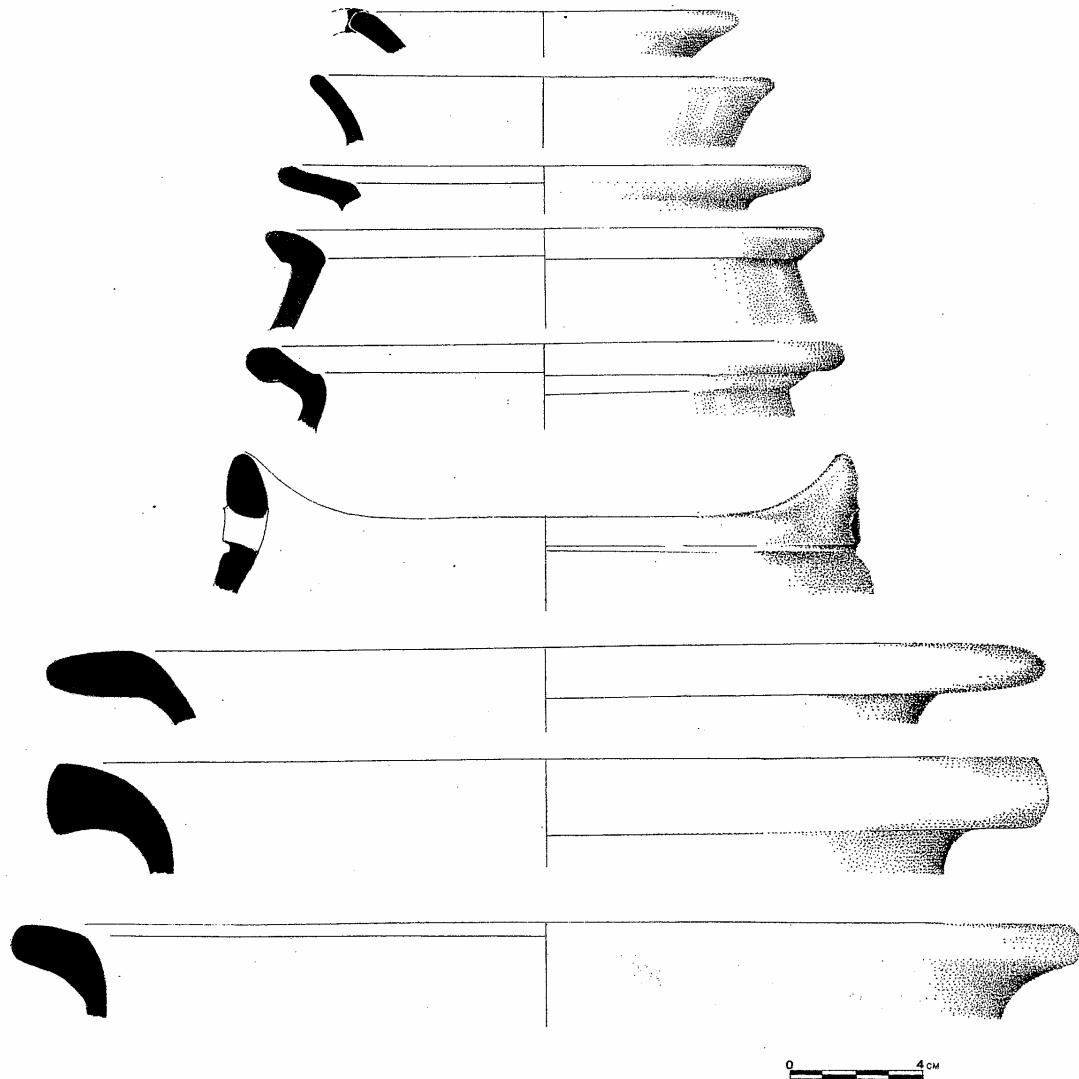


Fig. 9 - Cerâmica castreja

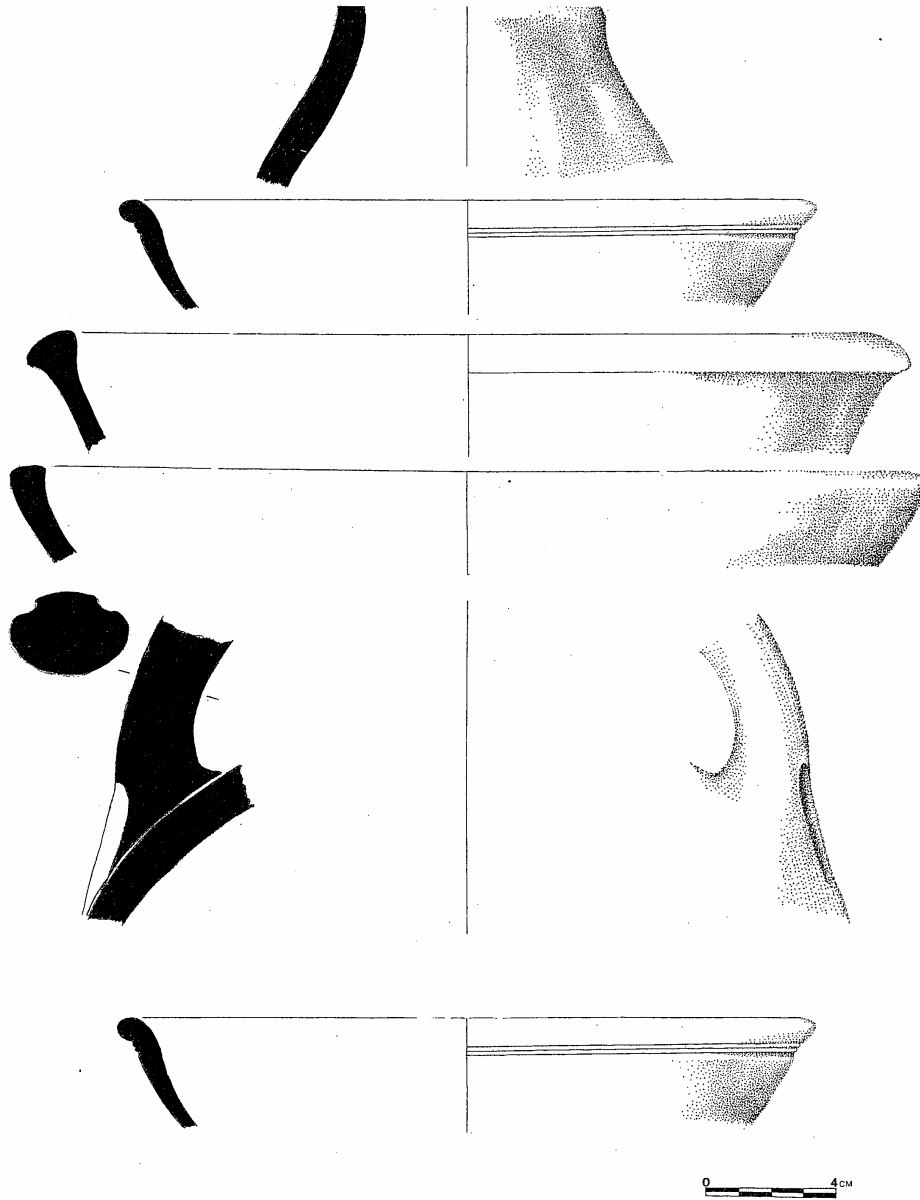


Fig. 10 - Cerâmica comum romana



11



casadesarmento

centro de estudos do património



12

© António Baptista Lopes, Carla Maria Braz Martins | Sociedade Martins Sarmento | Casa de Sarmento

18



13

Fig. 11- Imagem feminina; fig. 12- Imagem antropomórfica; fig. 13- Marco de divisão de propriedade